

SERMÃO 45

NOTAS INTRODUTÓRIAS

Já notamos a distinção entre o conceito wesleyano da regeneração e as opiniões dos escritores precedentes. Wesley primeiro distingue claramente a regeneração como o princípio instantâneo da consciente vida do amor de Deus na alma. Embora o conceito do novo nascimento aí expresso seja precisamente o mesmo que vem no sermão XVIII, dois pontos adicionais de doutrina são aqui enunciados. Primeiro, define-se a relação do novo nascimento para com o pecado original. O elemento fundamental do pecado original sendo, não a culpa original, mas a depravação, expressa em termos de morte espiritual, o novo nascimento não é uma absolvição, mas uma nova vida. Segundo, a relação do novo nascimento para com a santificação também se define – não como um processo de que a santificação seja parte, mas como um ponto de partida de que procede a santificação. Ambas essas definições são características da teologia wesleyana.

No tocante à relação do novo nascimento para com o batismo, o presente sermão mantém em grande parte os mesmos fundamentos expressos no sermão XVIII. Por esse tempo Wesley publicou um breve tratado sobre o batismo, em que definia claramente suas opiniões. Na resposta à pergunta: “Quais são os benefícios do batismo?” temos os seguintes capítulos:

1. A lavagem da culpa do pecado original.
2. Pelo batismo entramos no concerto de Deus.
3. Pelo batismo somos admitidos na Igreja e, conseqüentemente, nos tornamos membros de Cristo, seu Cabeça.
4. Pelo batismo nós, que somos filhos da ira, tornamo-nos filhos de Deus. “Esta regeneração” – ele esclarece ser, não exterior, mas “por adoção e graça”. “Um princípio da graça é infundido e não será totalmente retirado, a não ser que extingamos o Santo Espírito de Deus por duradoura maldade.”
5. Em conseqüência dele somos herdeiros do reino do céu. Parece que as próprias opiniões de Wesley como clérigo foram claramente definidas, mas que ele não pretendia impor essas idéias a seus seguidores. Daí o modo peculiar de definição usado naqueles dois sermões.

Não há contradição na doutrina da regeneração batismal. Há confissão distinta da doutrina como doutrina da Igreja da Inglaterra, mas é somente como doutrina dessa igreja que ela é assim proclamada. *Ela não entra nesta pregação* nem como fundamento de apelo, nem como motivo de dever, nem ainda como base de esperança. É, de fato, mencionada apenas para advertência contra os perigosos resultados a que freqüentemente conduz. Concluimos, portanto, que a regeneração batismal não participa *das doutrinas destes* sermões. (Bur-wash).

No presente asserto o Prof. Burwash passa por alto sobre um fato importante. O tratado sobre o batismo, publicado por Wesley em 1756, foi escrito por seu pai, o Rev. Samuel Wesley, sr., pastor de Epworth. Foi por lamentável equívoco que se incluiu aquele tratado entre as obras de Wesley. A doutrina da regeneração batismal é claramente ensinada no tratado, e contra tal erro radical todo o teor da teologia wesleyana constitui protesto coerente e efetivo. Dificilmente se concebe que espírito lógico de João Wesley pudesse ter crença na doutrina da regeneração batismal na infância, e ainda se bater por uma, segunda regeneração na vida do adulto. isto implicaria na existência de *três* nascimentos – o nascimento natural, o nascimento pelo batismo e o nascimento espiritual do crente adulto.

Fazendo um justo balanço da teologia de Wesley, especialmente sobre o ponto em debate, *somos* compelidos a considerar suas relações pessoais para com a Igreja da Inglaterra. Como ministro daquela igreja, depois de anos de diligente indagação, em que sua alma se achava em estado de profunda ansiedade e inquietude, ele se tornou pessoalmente o exemplo da doutrina da salvação pela fé em Cristo. Que a Igreja da Inglaterra ensinasse essa doutrina, ele estava convencido, graças ao mais claro testemunho de *seus* artigos e de suas autorizadas homilias. Em mais de um assunto a linguagem dos padrões da Igreja era, entretanto, incapaz de conciliação. Enquanto o novo nascimento, no caráter de mudança espiritual, conseqüente à aceitação voluntária de Cristo, era claramente ensinado nos artigos e nas homilias, a doutrina da regeneração batismal se ensinava no catecismo da Igreja. Conciliar os dois lados é tarefa que jamais foi realizada, e podemos dizer sem perigo que nunca o será. Daí o partido Evangélico ou Baixa-igreja da Inglaterra negar a doutrina ensinada no Catecismo ou esbater sua força, fazendo a regeneração operada no batismo significar uma simples mudança de estado, sem qualquer mudança espiritual produzida como efeito necessário da ordenança. Por outro lado, os da Alta-igreja aceitam a doutrina da regeneração batismal e negam a doutrina de Wesley sobre o novo nascimento. Nenhum partido aceita ambas as doutrinas, visto que elas logicamente se excluem.

O fato de ensinar claramente e sem sombras de reserva a doutrina do novo nascimento na vida do adulto, prova que Wesley não aceitava e não podia aceitar a doutrina da regeneração batismal. Mas o pregador se recusava a um rompimento formal com o catecismo e, como a controvérsia acerca do batismo não tinha relevo no seu tempo, ele simplesmente alude ao ensino da Igreja sobre o assunto do batismo infantil, sem endossá-lo. Pensamos que esta é a natural explicação do que parece ao leitor ocasional uma contradição e manifesta inconsistência nos escritos de Wesley. Se ele pudesse ter previsto o uso que se tem feito do tratado sobre o batismo e ainda o uso que se tem feito do parágrafo 2, divisão IV, deste sermão, dificilmente poderíamos duvidar de que tivesse sido mais explícita a sua linguagem.

ESBOÇO DO SERMÃO 45

A justificação e a regeneração são fundamentais na religião. A primeira Deus a opera por nós, a segunda Ele a opera em nós; uma quanto ao tempo, embora a justificação seja precedente em ordem de pensamento.

I. O fundamento da doutrina do novo nascimento. Deus fez o homem à sua imagem moral, mas não imutável. Pela desobediência ele caiu e tornou-se morto para Deus. Daí nascerem todos os seus descendentes nesse estado de morte espiritual. Daí a necessidade de nascermos de novo.

II. A natureza desse novo nascimento. Não comporta explicação filosófica. O termo usado pelos judeus para designar a forma externa de adoção na família; de Abraão pelo batismo e pela circuncisão. Mas ainda ai Nicodemos entendeu por novo nascimento alguma coisa mais do que o rito exterior. Analogia de nossa entrada na vida espiritual da fé com a entrada de uma criancinha na vida natural. Daí o novo nascimento ser a grande mudança que Deus opera na alma quando Ele a conduz à vida, quando a levanta da morte do pecado para a vida da justiça.

III. A necessidade do novo nascimento.

É necessário à santidade, à salvação eterna e à felicidade presente e eterna.

IV. Inferimos que o batismo não é novo nascimento. O catecismo da igreja distingue o sinal exterior e visível da graça interior e espiritual, e o mesmo é evidente da natureza dos dois; um é externo e o outro interno. Nem o novo nascimento necessariamente acompanha o batismo. Isto é evidente dos frutos que se seguem. O novo nascimento é distinto da santificação. A santificação é uma obra contínua, progressiva; o novo nascimento é instantâneo. Um dá início à vida espiritual; a outra é seu crescimento.

Finalmente, o pecador batizado deve nascer outra vez ou perecer. Qualquer que possa ser a graça do batismo infantil, este de nada aproveita ao que esteja agora morto em delitos e Pecados.

SERMÃO 45

O NOVO NASCIMENTO

“Importa-vos nascer outra vez”.

(João 3.7)

1. SE QUAISQUER doutrinas, dentro do círculo do cristianismo, podem ser propriamente chamadas “fundamentais”, estas serão, sem dúvida, duas: a doutrina da justificação e a do novo nascimento: a primeira relacionando-se com a grande obra que Deus faz *por nós*, perdoadando nossos pecados; a última, referindo-se à grande! Obra que Deus opera em nós, renovando-nos a natureza decaída. Quanto ao *tempo*, nenhuma delas tem a primazia: no momento em que *somos* justificados pela graça de Deus, pela redenção que há em *Jesus*, somos também “nascidos do Espírito”; mas, em ordem de *pensamento*, como é de uso expressar-se, a justificação precede ao novo nascimento. Primeiro, concebemos sua ira apartando-se de nós e depois seu Espírito operando em nossos corações.

2. Que importância enorme deve ter então, para todo filho do homem, o compreender profundamente essas doutrinas fundamentais! Partindo de uma perfeita compreensão disto, muitos homens excelentes têm escrito com abundância acerca da justificação, explanando cada ponto relativo a ela e abrindo as Escrituras que tratam do assunto. Muitos têm igualmente escrito sobre o novo nascimento, e alguns deles com bastante largueza; mas ainda não tão claramente como se poderia desejar, nem de modo tão profundo e acurado: apresentam uma obscura, confusa versão do novo nascimento, *ou* uma versão leve e superficial. Parece, portanto, haver necessidade de uma completa e ao mesmo tempo clara definição do novo nascimento; uma definição que nos habilite a dar satisfatória resposta a estas três perguntas:

Primeiro – Por que precisamos nascer de novo? Qual é o fundamento da doutrina do novo nascimento? Segundo – Como podemos nascer de novo? Qual é a natureza do novo nascimento? E, terceiro – Para que devemos nascer de novo? Para que fim isto é necessário? Estas questões, com a assistência de Deus, pretendo responder breve e claramente, e depois acrescentar umas poucas inferências que naturalmente ocorreram.

I

1. Primeiro – Por que precisamos nascer de novo? Qual é o fundamento da doutrina do novo nascimento?

Seu fundamento remonta tão longe e tão profundamente como à criação do mundo. Na descrição bíblica desse evento lemos: “E Deus”, o Deus Trino, “disse: façamos Q homem à nossa imagem e segundo nossa semelhança”. Assim Deus criou o homem à sua própria imagem, à imagem de Deus o criou” (Gn 1.26,27) ; não meramente à sua *imagem natural*, um retrato de sua imortalidade; um ser espiritual, dotado de entendimento, liberdade de vontade e vários afetos; não meramente à sua *imagem política*, o governador deste mundo inferior, tendo “domínio sobre os peixes do mar e sobre toda a terra”; mas principalmente à sua *imagem moral* que, no dizer do apóstolo, é “justiça e verdadeira santidade” (Ef 4.24). Segundo essa imagem o homem foi feito. “Deus é amor”: conseqüentemente, o homem, ao ser criado, estava cheio de amor, que era o único móvel de todas as suas disposições, pensamentos, palavras e atos. Deus é cheio de justiça, misericórdia e verdade: assim era o homem ao sair das mãos de seu Criador. Deus é imaculada pureza: e assim era o homem no começo, puro de toda mancha pecaminosa; de outro

modo Deus não o teria achado, assim como a todas as demais obras de suas mãos, “muito bom” (Gn 1.31). Bom não podia o homem ter sido, se não fosse limpo de pecado e cheio de Justiça e verdadeira santidade. Porque não há meio termo: se supusermos que uma pessoa Inteligente não ame a Deus, não seja justa e santa, necessariamente havemos de supor que essa pessoa não seja boa de modo nenhum, e ainda menos “muito boa”.

2. Mas, embora tivesse sido o homem feito à imagem de Deus, ele não foi feito, todavia, imutável. Isto teria sido inconsistente com o estado de prova em que foi do agrado de Deus colocá-la. Foi criado com capacidade de permanecer de pé, e, no entanto, também sujeito a cair. E isto o próprio Deus lhe deu a conhecer e fez-lhe a tal propósito uma solene advertência. Não obstante, o homem não permaneceu em glória; caiu de sua alta condição. Ele “comeu da árvore a respeito da qual o Senhor lhe havia recomendado, dizendo: tu não comerás dela”. Por esse ato voluntário de desobediência a seu Criador, por essa franca rebelião contra seu Soberano, o homem abertamente declarou que não mais queria que Deus o governasse; que desejava ser governado pela sua própria vontade, e não pela vontade daquele que o criara; e que não pretendia buscar sua felicidade em Deus, mas no mundo, nas obras de suas mãos. Ora, Deus lhe havia dito antes: “No dia em que comeres” daquele fruto, “certamente morrerás”. E a palavra do Senhor não pode falhar. Conseqüentemente, naquele dia ele morreu: morreu para Deus – a mais tremenda de todas as mortes. Perdeu a vida de Deus: foi separado de Deus – e sua vida espiritual consistia precisamente nessa união. O corpo morre quando se separa da alma; morre a alma quando se separa de Deus. Mas essa separação de Deus Adão a experimentou no dia, na hora em que comeu do fruto proibido. E disso deu, prova imediata, mostrando pela sua conduta que o amor de Deus estava extinto em sua alma, a qual se encontrava agora “afastada da vida de Deus”. Em troca, estava agora sob o temor servil, de modo que fugiu da presença do Senhor. Sim, tão pouco conservou do conhecimento daquele que enche o céu e a terra, que tentou “esconder-se do Senhor Deus em meio das árvores do jardim” (Gn 3.8): destarte havia ele perdido tanto o conhecimento como o amor de Deus, sem os quais a imagem de Deus não podia subsistir. Desta, portanto, foi ele privado ao mesmo tempo e tornou-se ímpio e infeliz. Em lugar da imagem de Deus, revestiu-se de orgulho e obstinação, verdadeira imagem do diabo; e de apetites e desejos sensuais, à semelhança dos brutos que perecem.

3. Se se disser: Mas aquela advertência – *No dia em que comeres dela, certamente morrerás*, refere-se à morte temporal, e somente a esta, isto é, à morte do corpo” – responder-se-á de pronto: Afirmar isto é franca e palpavelmente tratar a Deus como mentiroso; asseverar que o Deus da verdade positivamente afirmava uma coisa contrária à verdade. Porque é evidente que Adão não *morreu* naquele sentido, “no dia em que comeu dela”. Adão viveu, no sentido oposto a essa morte, por mais de novecentos anos. Assim, a expressão não pode ser entendida como morte corporal, sem ofensa à veracidade de Deus. Deve, por tanto, ser entendida como morte espiritual, como a perda da vida e da imagem de Deus.

4. E em Adão todos morreram, toda a espécie humana, todos os filhos dos homens que então estavam nos lombos de Adão. A conseqüência natural disso é que todo descendente seu vem ao mundo espiritualmente morto, morto para Deus, totalmente morto – em pecados; inteiramente vazio da vida de Deus; destituído da imagem de Deus, de toda aquela justiça e santidade com que Adão fora criado. Em lugar disto, todo homem nascido no mundo traz agora a imagem do diabo, no orgulho e na obstinação; a imagem do animal, em apetites e desejos sensuais. Este é, pois, o fundamento do novo nascimento – a completa corrupção de nossa natureza. Daí é que resulta que, sendo nascidos em pecado, precisamos “nascer de novo”. Daí a necessidade de nascer do Espírito de Deus todo aquele que tenha nascido de mulher.

II

1. Mas, como pode o homem nascer de novo? Qual é a natureza do novo nascimento?

Esta é a segunda questão – e questão da mais alta relevância que se possa imaginar. Não devemos, portanto, em tão momentoso assunto, contentarmo-nos com um exame superficial; mas devemos examiná-la com todo o cuidado possível e ponderá-la em nossos corações, até que plenamente compreendamos este ponto importante e vejamos claramente como podemos nascer outra vez.

2. Não que devamos esperar por alguma explanação minuciosa, filosófica, acerca da maneira por que isso se faz. Nosso Senhor suficientemente nos previne contra semelhante expectativa, através das palavras que imediatamente se seguem ao texto por meio delas lembrando a Nicodemos quão indiscutível é o fato, como qualquer outro que se verifica na marcha da natureza, e que, não obstante sua simplicidade, o homem mais sábio que haja debaixo do sol não é capaz de explicar satisfatoriamente. “O vento sopra onde quer” – não pelo teu poder ou sabedoria, “e ouves sua voz” – estás absolutamente certo, acima de qualquer dúvida, de que ele sopra; “mas não podes dizer de onde vem, nem para onde vai” – o modo preciso por que ele começa e termina, ergue-se e acalma-se, nenhum homem pode dizê-lo. “Assim é todo que é nascido do Espírito”: podes estar tão absolutamente certo do fato, como do

soprar do vento; mas o modo preciso por que isso se faz, como o Espírito Santo opera na alma, nem tu, nem o mais sábio dos filhos dos homens, será capaz de explicar.

3. Entretanto, basta a todo propósito racional e cristão que, sem descer a inquéritos curiosos, críticos, possamos dar um esquema claro e bíblico da natureza do novo nascimento. Isto satisfará a todo homem razoável, que somente deseje a salvação de sua alma. A expressão “nascer outra vez” não foi usada pela primeira vez por nosso Senhor em sua conversa com Nicodemos: era bem conhecida antes daquele tempo, e estava em uso comum entre os judeus ao tempo em que nosso Senhor apareceu em meio deles. Quando um pagão adulto se convencia de que a religião dos judeus era do Senhor e desejava unir-se a ela, era costume primeiro batizá-lo, antes que fosse admitido à circuncisão. E quando era batizado dizia-se ter nascido outra vez o que queria dizer que, o que dantes era filho do diabo, era agora adotado na família de Deus e contado como um de seus filhos. Essa expressão, pois, que Nicodemos, sendo “mestre em Israel”, devia ter bem compreendido, nosso Senhor emprega em conversa com ele; somente a emprega num sentido mais forte do que estava acostumado a ouvi-la. E esta podia ser a razão da pergunta: “Como pode ser isto?” O fato não se pode verificar literalmente: o homem não pode “entrar outra vez no ventre de sua mãe e nascer”; mas o fato pode verificar-se espiritualmente: o homem pode nascer de cima, nascer de Deus, nascer do Espírito, o que tem analogia muito próxima com o nascimento natural.

4. Antes de a criancinha nascer neste mundo, ela tem olhos, mas não vê; tem ouvidos, mas não ouve. Faz uso muito imperfeito de qualquer outro sentido. Não tem conhecimento de qualquer coisa do mundo nem tem qualquer entendimento natural. A forma de existência que ela tem então riem podemos dar o nome de vida. Somente depois de nascido é que podemos dizer que o homem começa a viver. Porque, tão logo nasce, começa a ver a luz e os objetos com que esteja em contacto. Então se lhe abrem os ouvidos e ouve os sons que sucessivamente batem sobre eles. Ao mesmo tempo todos os outros órgãos dos sentidos começam a exercitar-se no campo apropriada a cada um. Ele próprio respira e vive de maneira totalmente diversa da vida que tivera até então. Como o paralelo exatamente se verifica em todos esses exemplos! Enquanto o homem se encontra no estado meramente natural, antes que seja nascido de Deus, possui, em sentido espiritual, olhos, e não vê; um espesso véu impenetrável está sobre eles. Possui ouvidos, mas, não ouve; é profundamente surdo a tudo que mais lhe interessa ouvir. Seus demais sentidos espirituais estão anulados e é o mesmo que se os não tivesse. Daí não ter conhecimento de Deus, nenhum contacto com Ele: o homem natural não se relaciona com Deus de modo nenhum. Não tem verdadeiro conhecimento das coisas de Deus, nem das coisas espirituais ou eternas; por isso, embora seja um homem vivo, é um cristão morto. Logo, porém, que é nascido de Deus há uma total mudança em todos aqueles pormenores. Os “olhos de seu entendimento são abertos” (tal é a linguagem do grande apóstolo); e Aquele que no passado “mandou a luz resplandecer das trevas, brilhando em seu coração, ele vê a luz da glória de Deus”, seu glorioso amor, “na face de Jesus Cristo”. Seus ouvidos sendo abertos, é agora capaz de ouvir a voz interior de Deus, dizendo: “Tem bom ânimo; teus pecados são-te perdoados”; “vai e não peques mais”. Este é o sentido do que Deus fala em seu coração, embora, talvez, não naquelas mesmas palavras. Ele está pronto agora a ouvir seja o que for que seja do agrado “Daquele que ensina ao homem o conhecimento revelar-lhe de tempos em tempos. “Sente em seu coração”, para usar a linguagem de nossa igreja, “a poderosa operação do Espírito de Deus”, não num sentido grosseiro, carnal, como os homens do mundo estúpida e teimosamente deturpam a expressão, não obstante tenham sido repisadamente ensinados que queremos dizer, por aquelas palavras, nem mais nem menos do que isto: o homem sente, percebe interiormente, as graças que o Espírito de Deus opera em seu coração. Sente, é cômico da “paz que excede a toda compreensão”. Muitas vezes experimenta uma alegria em Deus que é “indizível e cheia de glória”. Sente “o amor de Deus derramado em seu coração pelo Espírito Santo que lhe é dado”; e todos os seus sentidos espirituais são então exercitados em discernir o bem e o mal de ordem espiritual. Pelo uso deles, o homem diariamente cresce no conhecimento de Deus, de Jesus Cristo, a quem Ele enviou, e de todas as coisas pertinentes a seu reino interior. E agora pode propriamente dizer que vive: despertado por Deus mediante o Espírito, ele vive para Deus mediante Jesus Cristo. Vive a vida que o mundo não conhece, uma “vida que está: escondida com Cristo em Deus”. Deus está constantemente bafejando, por assim dizer, a alma; e esta se acha respirando para Deus. A graça desce a seu coração e a oração e o louvor sobem ao céu: por este intercâmbio entre Deus e o homem, por esta comunhão com o Pai e o Filho, como por uma espécie de respiração espiritual, a vida de Deus se mantém na alma; e o filho de Deus cresce até chegar à “perfeita medida da estatura de Cristo”.

5. Daí manifestamente ressalta qual seja a natureza do novo nascimento. É aquela grande mudança que Deus opera na alma, quando Ele chama-a para a vida, quando Ele levanta-a da morte do pecado para a vida da justiça. É a mudança operado em toda a alma pelo poderoso Espírito de Deus, quando ela é “criada de novo em Cristo Jesus”, quando é “renovada segundo a imagem de Deus, em justiça e verdadeira santidade”; quando o amor do mundo se muda em amor de Deus, o orgulho em humildade, a impetuosidade em mansidão; o ódio, a inveja, a malícia num

sincero, terno e desinteressado amor a toda, a humanidade. O novo nascimento é, numa palavra, aquela mudança pela qual a mente terrena, sensual e diabólica se transforma na “mente que havia em Cristo Jesus”. Esta é a natureza do novo nascimento: “assim é todo aquele que é nascido do Espírito”.

III

1. A quem tenha considerado essas coisas não é difícil perceber a necessidade do novo nascimento e responder à terceira pergunta. Para que fim é necessário nascer de novo? Mui facilmente se compreende que isto é necessário, primeiro, à santidade. Que é santidade, segundo os Oráculos de Deus? Não é uma religião meramente exterior, um amontoado de obrigações externas, qualquer que seja o número delas e qualquer que seja a exatidão com que sejam cumpridas. Não: a santidade evangélica não é menos do que a imagem de Deus impressa sobre o coração; não é outra coisa senão toda a mente que havia em Cristo Jesus; consta de todos os afetos e disposições celestiais fundidos num só. Implica num tal amor, contínuo e agradecido, Aquele que não nos ocultou seu Filho, seu Único Filho, de modo a tornar natural, de maneira imperativa, o amor a todos os filhos dos homens, à medida que nos enche “de coração misericordioso, ternura, doçura e longanimidade”. É um tal amor de Deus que nos ensina a sermos inculpáveis em toda maneira de conversação; que nos habilita a apresentarmos nossas almas e corpos, tudo que somos e tudo quanto temos, todos os nossos pensamentos, palavras e ações, como um contínuo sacrifício a Deus, aceitável através de Cristo Jesus. Ora, esta santidade não pode existir enquanto não formos renovados na imagem de nossa mente. Não pode começar na alma enquanto não for operada aquela mudança; até que, revestidos do poder do Altíssimo, formos tirados “das trevas para a luz, do poder de Satanás para o poder de Deus”, isto é, até que tenhamos nascido de novo; o que é, portanto, absolutamente necessário à santidade.

2. Mas, “sem santidade ninguém verá ao Senhor”, ninguém verá a face de Deus em glória. Em conseqüência, o novo nascimento é absolutamente necessário à eterna salvação. Os homens podem na verdade lisonjear-se (tão desesperadamente mau e tão enganoso é o coração do homem!) na esperança de que possam viver em seus pecados, até chegarem ao último suspiro, e ainda depois viverem com Deus; e milhares realmente crêem que encontraram uma estrada larga que não leva à perdição. “Que perigo”, dizem eles, “pode correr a mulher, com aquele que é tão *sem maldade* e tão *virtuoso*? Que perigo há que homem tão *honesto*, de tão rigorosa *moral*, possa perder o céu; especialmente se, sobre e acima de tudo isso, freqüenta a igreja e os sacramentos?” Um desses perguntará com toda a segurança: “Quê! não faço tanto bem como meu próximo?” Sim, tanto bem como teu próximo ímpio; tanto bem como teu próximo que morre em seus pecados! Na verdade, descereis todos ao abismo, ao mais profundo inferno! Todos vos reunireis no lago de fogo; no “lago de fogo que arde com enxofre”. Então, afinal, vereis (conceda-vos Deus que possais vê-la antes!) a falta que faz à glória a santidade, e, conseqüentemente, a falta do novo nascimento, uma vez que ninguém pode ser santo, a não ser que seja nascido de novo.

3. Pela mesma razão, ninguém pode ser feliz, mesmo neste mundo, se não nascer de novo. Porque não é possível, pela própria natureza das coisas, que seja feliz o homem que não é santo. Mesmo o pobre, ímpio poeta, podia dizer-nos: *Nemo malus felix*: “Nenhum mau é feliz.” A razão é clara: todas as inclinações ímpias são inclinações desagradáveis: não só, a malícia, o ódio, a inveja, o ciúme, a vingança, criam um inferno presente na consciência, mas ainda as paixões mais brandas, se não forem mantidas dentro dos devidos limites, darão mil, vezes mais dores do que prazeres. Mesmo a “esperança”, quando “adiada” (e quão freqüentemente deve isto acontecer!) – “torna o coração enfermo”; e todo desejo que não seja conforme à vontade de Deus, pode “traspasar-nos de muitas dores”. Todas aquelas fontes gerais de pecado – o orgulho, a obstinação e a idolatria – são, à medida que predominam, fontes gerais de miséria. Portanto, enquanto elas reinarem na alma, nesta não terá lugar a felicidade. Mas esses males devem dominar, até que as tendências de nossa natureza sejam mudadas, isto é, até que tenham nascido de novo; conseqüentemente, o novo nascimento é absolutamente necessário não só à felicidade neste mundo, como à felicidade no mundo vindouro.

IV

Propus-me aduzir, em último lugar, umas poucas inferências, que naturalmente decorrem das precedentes observações.

1. E, primeiro, observe-se que o batismo não é o novo nascimento: eles não são uma e a mesma coisa. Muitos, em verdade, parece imaginarem que são justamente a mesma coisa; pelo menos falam como se pensassem assim; mas não me consta que essa opinião seja abertamente sustentada por qualquer denominação cristã. Certamente que não o é por nenhuma dentro destes reinos, seja da igreja estabelecida ou dos dissidentes desta. A opinião dos últimos vem claramente exposta em seu Catecismo Maior: “P. Quais são as partes de um sacramento? R. As partes de um sacramento são duas: uma consiste no sinal externo e sensível; a outra na graça interior e espiritual, por aquele sinal simbolizada. – P. Que é o batismo? R. O batismo é um sacramento, no qual Cristo ordenou a lavagem com

água como sinal e selo da regeneração por seu Espírito.” Ai é manifesto que o batismo, osinal, é mencionado como ato distinto da regeneração, que é a coisa significada.

No catecismo de nossa igreja se declara, igualmente, a opinião desta com a maior clareza: “P. Que queres dizer pela palavra sacramento? R. Quero dizer um sinal exterior e visível de uma graça interior e espiritual. – P. Qual é a parte exterior ou;” forma no batismo? R. A água, com a qual a pessoa é batizada em nome do Pai, Filho e Espírito Santo. – P. Qual é a parte interior, ou a coisa significada? R. A morte ao pecado e o novo nascimento para a justiça.” Nada, portanto, é mais claro do que, segundo a igreja da Inglaterra, não ser o batismo o novo nascimento.

Mas, na realidade, a razão do que se afirma é tão clara e evidente, que não necessita do abono de nenhuma outra autoridade. Porque, que pode haver de mais óbvio, do que ser um a obra exterior e outro a obra interna; que um é visível e o outro invisível e, portanto, inteiramente diferentes entre si? – um sendo ato do homem, purificando o corpo; o outro uma mu-dança operada por Deus na alma, de modo que a primeira é tão distinguível da segunda como a alma do corpo ou a água do Espírito Santo.

2. Das reflexões precedentes podemos, em segundo lugar, observar que o novo nascimento não é o mesmo que o batismo, de modo que nem sempre acompanha o batismo: eles não vão necessariamente juntos. Um homem pode possivelmente ser “nascido da água” e contudo não ser “nascido do Espírito”. Pode haver algumas vezes o sinal exterior onde não exista a graça interior. Não falo agora acerca das crianças: é certo que nossa igreja supõe que todos os que são batizados na infância são ao mesmo tempo nascidos de novo: e admite-se que o ritual do batismo de crianças procede daquela suposição. Nem constitui objeção de peso o fato de não podermos compreender como se opera essa obra nas crianças, porque nem podemos compreender como se opera tal obra numa pessoa de idade mais madura. Mas, qualquer que seja o caso em referência às crianças, é certo que todos os que são batizados em idade adulta não são ao mesmo tempo nascidos de novo. “A árvore é conhecida por seus frutos.” E destes resulta demasiadamente claro para ser negado que vários dos que eram filhos do diabo antes que fossem batizados, continuaram na mesma condição depois do batismo; “porque fazem as obras de seu pai”: continuam como servos do pecado, sem qualquer pretensão à santidade, seja interior ou exterior.

3. Uma terceira inferência que podemos tirar do que já se observou, é que o novo nascimento não é a mesma coisa que a santificação. Isto é na verdade, tido como certo por muitos; principalmente por um eminente escritor, em seu recente tratado sobre “A Natureza e os Fundamentos da Regeneração Cristã”. Pondo de parte várias outras objeções de peso que se poderiam fazer àquele tratado, esta é palpável: O tratado, através de todas as suas páginas, fala .da regeneração como de uma obra progressiva, realizada na alma a passos vagarosos, a partir da época em que primeiro nos voltamos para Deus. Isto é inegavelmente verdadeiro quanto à santificação, mas não é verdade quanto à regeneração, ao novo nascimento. Esta é uma parte da santificação, não toda ela; é uma porta para ela, uma entrada para ela. Quando nascemos de novo, então nossa santificação, nossa santidade interior e exterior, começa; e daí por diante gradualmente “crescemos naquele que é nosso Cabeça”, Esta expressão do apóstolo admiravelmente ilustra a diferença que há entre uma e outra, e ainda aponta a exata analogia existente entre as coisas naturais e as coisas espirituais. A criança nasce num momento, ou pelo menos em muito curto espaço de tempo: ela depois gradual e vagarosamente cresce, até atingir à estatura de um homem. De modo semelhante um filho nasce de Deus num curto tempo, senão num momento. Mas é por degraus vagarosos que ele depois cresce à medida da perfeita estatura de Cristo. A mesma relação, portanto, que há entre nosso nascimento natural e nosso crescimento, há também entre nosso novo nascimento e nossa santificação.

4. Mais um ponto podemos aprender das observações precedentes, mas é um ponto de tão grande importância, que torna perdoável sua mais cuidadosa e mais extensa consideração. Que deve alguém que ama as almas e sente-se compungido ante o fato de que pereça alguma delas, dizer a quem ele veja quebrando o domingo, ou em embriaguez, ou em qualquer outro pecado voluntário? Que pode ele quizer, se as precedentes observações forem verdadeiras, senão isto: “Deves nascer de novo”? “Não” – diz o homem zeloso – “isto não pode ser; como podes falar assim, descaridosamente, ao homem? Não já foi ele batizado? Não pode agora nascer outra vez!” Não pode ele, nascer outra vez? Afirmas isto? Então ele não pode ser salvo. Embora seja tão velho quanto o era Nicodemos, “se não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus”. Portanto, dizendo tu: “Ele não pode nascer de novo”, tu de fato o entregas à perdição. E onde agora está a falta de caridade? De meu lado ou do teu? Eu digo: ele precisa nascer outra vez e tornar-se deste modo herdeiro da salvação. Tu dizes: “Ele não pode nascer de novo”: e, se assim for, deve inevitavelmente perecer! Assim obstruis inteiramente seu caminho rumo à salvação, e o envias ao inferno por simples caridade!

Mas talvez o próprio pecador, a quem, por verdadeira caridade, dizemos: “Tens necessidade de nascer de novo”,

tenha sido industriado a replicar: “Desafio vossa nova doutrina; não pre-ciso nascer de novo: nasci outra vez quando fui batizado. Pretenderíeis então negar meu batismo?” Respondo, primeiro, que nada há debaixo do céu que possa desculpar a mentira; se assim não fosse: eu diria a um tão ostensivo pecador: “Se foste batizado, não o proclames. Porque, quão profundamente isto te agrava a culpa! Como te aumentará a condenação! Foste dedicado a Deus ao oitavo dia de vida, e passaste todos esses anos a dedicar-te ao diabo? Foste, antes mesmo que tivesses uso da razão, consagrado a Deus o Pai, o Filho e o Espírito Santo – e desde que alcançaste o uso da razão fugiste da face de Deus e te consagraste a Satanás? A abominação da desolação – o amor do mundo, o orgulho, a ira, a cobiça, os desejos insensatos e todo o cortejo de afeições vis – não está onde não deveria estar? Entronizaste todas essas coisas malditas naquela alma que uma vez foi templo do Espírito Santo, separada para ser “habitação de Deus através do Espírito Santo”; sim, dada solenemente a Ele? E ajuda te glorias nisto, no fato de teres uma vez pertencido a Deus? Oh! Envergonha-te! Cora-te! Esconde-te no centro da terra! Nunca mais te gabes daquilo que devia encher-te de confusão, que devia envergonhar-te diante de Deus e diante dos homens!” Respondo, em segundo lugar: Tu já negaste teu batismo, e isto da maneira mais completa. Negaste-o mil e mil vezes, e ainda o fazes dia após dia. Porque no ato de teu batismo renunciaste ao diabo e a todas as suas obras. Toda vez, pois, que outra vez dás lugar a ele, toda vez que praticas alguma obra .do diabo, estás negando teu batismo. Deste modo tu o negas através de cada pecado voluntário, de cada ato de impurezas, bebedice ou vingança; de cada palavra obscena ou profana; de cada juramento que saia de teus lábios. Toda vez que profanas o dia do Senhor, negas teu batismo; sim, tu o negas toda vez que fazes a outrem aquilo que não quererias que te fizessem. Respondo, em terceiro lugar: sejas batizado Ou não, “precisas nascer de novo”; de outro modo não é possível que sejas interiormente santo, e sem santidade interna e externa não podes ser feliz, nem neste mundo e menos ainda no mundo vindouro. Dizes: . “Pois não; mas eu não faço mal a ninguém; sou honesto e justo em todo: os meus atos: não pragueje e não tomo o nome do Senhor em vão; não calunio a meu próximo nem vivo em qualquer pecado voluntário!” Se assim é, mui para desejar é que todos os homens cheguem até onde chegaste. Mas deves ir ainda mais longe, ou não serás salvo: ainda “te é necessário nascer de novo”. Acrescentas: “Vou ainda mais longe: porque não somente não faço mal, mas faço todo bem que posso”. Duvido disso: temo que tenhas tido um milhar de oportunidades de fazer o bem e tenhas passado por elas sem as aproveitar, sendo, por esta causa, responsável diante de Deus. Mas, se tens aproveitado todas elas, se realmente tens feito todo o bem que terias possibilidade de fazer a todos os homens, ainda isto de modo algum altera o caso: ainda “te é necessário nascer de novo”. Sem isto coisa alguma fará qualquer benefício à tua pobre alma poluída e pecaminosa. “Não, mas eu constantemente cumpro as ordenanças de Deus: apego-me à minha igreja e ao sacramento.” Boa coisa fazes, mas tudo isso não te livrará do inferno, a não ser que sejas nascido de novo. Ir à igreja duas vezes por dia; ir à mesa do Senhor todas as semanas; fazer sempre muita oração em particular; ouvir sempre sermões muitobons; ler muitoslivros devotos... ainda “te é necessário nascer de novo”. Nenhuma daquelas coisas substituirá o novo nascimento; não, coisa alguma há debaixo do céu. Seja, pois, esta tua contínua oração, se já não experimentaste aquela graça interior de Deus: “Senhor, adiciona esta a todas as tuas bênçãos: permite-me nascer de novo! Nega-me tudo quanto for de teu agrado negar-me, mas não me negues isto: permite-me ser nascido de cima! Retira-me o que quer que te pareça bem retirar-me – reputação, fortuna, amigos, saúde – e dá-me somente isto: ser nascido do Espírito, ser contado entre os filhos de Deus! Permite-me nascer, *não de semente corruptível, mas incorruptível, pela palavra de Deus, que vive e permanece para sempre*; e então deixa-me diariamente *crescer na graça e no conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo!*”

QUESTIONÁRIO SOBRE O SERMÃO 45

- P. 1. (§ 1). Que se diz da doutrina do novo nascimento?
- P. 2. (§ 2). Que é de importância para todo filho de Deus?
- P. 3. (I. 1). Qual é a primeira questão apresentada?
- P. 4. (I. 2). Que se diz da imutabilidade do homem?
- P. 5. (I. 3). Que se diz acerca da punição, como se se referisse apenas à morte temporal?
- P. 6. (I. 4). Qual foi o resultado do pecado de Adão?
- P. 7. (II. 1). Qual é a segunda questão aí apresentada?
- P. 8. (II. 2). Podemos dar pormenorizada definição filosófica do novo nascimento?
- P. 9. (II. 3). Que se diz ser suficiente a todo propósito racional?
- P. 10. (II. 4). Qual a analogia que é aí apresentada?
- P. 11. (II. 5). Que ressalta daí? Como se define o novo nascimento?
- P. 12. (III. 1). Qual é a terceira questão aí apresentada?
- P. 13. (III. 1). Qual é a primeira razão assinalada? Que se diz ser a santidade?
- P. 14. (III. 2). Por que é o novo nascimento absolutamente necessário à salvação?
- P. 15. (III. 3). Que se diz resultar, mesmo neste mundo? Que se diz do poeta ímpio?
- P. 16. (IV. 1). Que se propõe o pregador mostrar por último?

P. 17. (IV. 2). O batismo é o novo nascimento? Como o pregador prova que não é?

P. 18. (IV. 2). Que diz ele ser a convicção da igreja da Inglaterra? Que conseqüências ele retira das citações feitas do catecismo?

P. 19. (IV. 2). Embora nenhum escritor filiado àquela igreja possa dizer que batismo e novo nascimento “sejam uma e a mesma coisa”, muitos dentre eles não ensinam a doutrina da regeneração batismal?

R. Ensinam; e também sustentam que a graça espiritual sempre acompanha a ordenança exterior. Wesley afirma que a graça *nem sempre* acompanha a administração do sacramento.

P. 20. (IV. 2). Que diz Wesley que a igreja da Inglaterra ensina em relação às crianças? Que diz ele do ritual do batismo infantil?

P. 21. (IV. 3). Qual é a terceira inferência?

P. 22. (IV. 4). Que podemos ainda aprender das precedentes observações?

P. 23. (IV. 4). Como se dirige o pregador ao pecador batizado?